

A FILOSOFIA
PRIMEIRA DE
BAKHTIN

Roteiro
de leitura
comentado



Adail Sobral

A FILOSOFIA
PRIMEIRA DE
BAKHTIN

Roteiro
de leitura
comentado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sobral, Adail

A filosofia primeira de Bakhtin : roteiro de leitura comentado / Adail Sobral. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2019.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-564-6

1. Análise do discurso 2. Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975 – Crítica e interpretação 3. Linguagem
I. Título.

19-26970

CDD-401.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise do discurso : Linguística 401.41

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final do autor

bibliotecária: Iolanda Rodrigues Biode – CRB-8/10014

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-lettras.com.br

livros@mercado-de-lettras.com.br

1ª edição

MAIO / 2019

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Dedico este livro, com amorosa gratidão,
a Karina,
a companheira que me concede
o privilégio de sua companhia.
Ela viveu a parte complicada da elaboração
de um estudo: horas de distanciamento do mundo
e concentração quase neurótica no tópico.
(Nas cercanias de Piratini,
próximo ao Assentamento 8 de Maio, do MST,
31/10/2018)*



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO9

Marília Amorim

PRIMEIRAS PALAVRAS17

INTRODUÇÃO.....23

Capítulo 1

ATO, SINGULARIDADE,

RESPONSABILIDADE, *TECNICISMO,*

TEORETICISMO, VIDA-COMO-ATO37

Capítulo 2

FILOSOFIA DA VIDA, FILOSOFIA

PRIMEIRA, ESTÉTICA, ÉTICA.....45

Capítulo 3

PENSAMENTO PARTICIPANTE ,

NÃO-ÁLIBI E UNICIDADE73

Capítulo 4	
SINGULARIDADE, UNICIDADE,	
NÃO INDIFERENÇA, REPRESENTAÇÃO	
E IMPOSTURA	97

Capítulo 5	
ATO, MUNDO, ARQUITETÔNICA	
E UNIDADE DO MUNDO	
NA VISÃO ARTÍSTICA	111

CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
----------------------------	-----

OBRAS CONSULTADAS.....	163
------------------------	-----



APRESENTAÇÃO

O diálogo com Adail Sobral vem de longa data. Começou no Lael da PUC de São Paulo onde dei alguns seminários a convite de Beth Brait. Ali encontrei um interlocutor cujas intervenções eram sempre pertinentes, intensas e urgentes. Se tivéssemos gravado nossas discussões talvez servissem como registro de um exercício concreto do pensar não indiferente. A briga que às vezes acontecia era sempre enriquecedora e me fazia levar trabalho para casa. Como responder a tantas questões? Nelas, havia a marca de uma inquietação filosófica que hoje mostra seus frutos no presente livro.

Trata-se de trabalho que preenche lacuna importante pois fornece um roteiro de leitura para um texto que figura entre os mais difíceis de Mikhaïl Bakhtin. Não é incomum que leitores o abandonem no meio do caminho ou que nele se percam sem achar o caminho de ida e volta. Ao organizar a matéria em itens, Sobral ajuda o leitor a identificar as temáticas principais e, sobretudo, a compreender as questões que estão em jogo. Entre elas, uma me parece crucial: o limite da influência que a fenomenologia de Husserl teria tido na obra de Bakhtin.

O autor enfrenta aqui um dos fundamentos do conceito de *redução fenomenológica* que é a idéia de retorno às coisas mesmas. Explica então:

Bakhtin julga impossível retornar ou mesmo ter contato com as coisas mesmas, uma vez que tudo no mundo humano é por princípio mediado valorativamente, nunca chegando imediatamente, ou seja, sem mediação, à percepção. Do mesmo modo, o sujeito bakhtiniano é concreto e relacional; sua redução fenomenológica nunca é pura, porque ele vê o mundo sempre em termos de uma valoração que vem de sua situacionalidade e sua relacionalidade, sua interconstituição com o outro. (P. 84)

Adail Sobral optou por oferecer-nos um precioso cotejamento de diferentes traduções de *Para uma filosofia do ato*. Como tradutor profissional, ele é, mais do que ninguém, sensível às transformações que se operam na obra a cada nova tradução de um idioma para outro e mesmo no interior do mesmo idioma como é o caso de algumas obras de Bakhtin que tiveram mais de uma tradução para o português. Claro está que não se trata de prescrutar infidelidades ou traições, mas de dar ao leitor a possibilidade de empreender uma reflexão a partir das variações cotejadas. Variações na significação e também no sentido já que traduzir comporta questões relativas ao contexto cultural e sócio-histórico em que a língua do original foi falada e àquele em que a língua alvo será lida.

Também o contexto teórico importa: os debates e embates em uma determinada área de conhecimento, as diferentes teorias de então e as de hoje. Por essa razão, as

escolhas terminológicas não são simples uma vez que não devem refletir apenas uma fidelidade às línguas.

Foi nesse terreno que minhas interferências mais incidiram ao dialogar com Sobral a respeito de seu texto. Digamos que elas obedeceram a uma orientação geral que costume adotar e que consiste em privilegiar traduções que afirmem a radical novidade do pensamento bakhtiniano e que evitem assim que suas idéias se afoguem no caldo do familiar e do já dito. Considero importante que a leitura de Bakhtin, assim como dos demais autores do Círculo, provoque estranhamento. Talvez inspirada por Deleuze, que não é uma referência central no meu trabalho mas com quem brigo respeitosa e, quando ele diz que o pensamento não pode ser e não é uma atividade confortável.

Um exemplo de questão terminológica que toca o desconforto de um pensamento radicalmente novo é a expressão bakhtiniana *pensamento não-indiferente*. Traduzi-la por *pensamento participativo* me parece problemático porque, em várias passagens, Bakhtin fala de *participação* e se não a utilizou no lugar de *não indiferença*, isso parece indicar que a última não se reduz à primeira. Bakhtin utiliza o termo *participação* quando explica que o sujeito singular, ao assumir um determinado pensamento, participa da totalidade de seu ser enriquecendo-a e sendo por ela enriquecido. O tema da participação *da* e *na* cultura é central nessa obra mas também o é o da não indiferença. Se levarmos em conta o contexto teórico que se reflete e se refrata na leitura de Bakhtin, vem à tona a problemática da alteridade e ouvem-se vozes como a de Lévinas para quem a relação com o *outro* também é elemento fundante do humano e a *não indiferença* é nossa condição ética.

Além disso, se levarmos em conta o co-texto de *Para uma filosofia do ato*, vemos que essa expressão funciona ali como o exato oposto da indiferença necessária a toda teoria. Assim, ao par de oposições “necessidade lógica interna à teoria *versus* necessitância do ato responsável”, corresponde o par “indiferença *versus* não indiferença”.¹

Teríamos aí dois elementos para justificar uma preferência terminológica, o contexto e o co-texto. Observe-se porém que fiz acima a escolha do termo *necessitância*, da tradução francesa, o que revela o viés da familiaridade linguística que influencia minhas escolhas e que certamente influencia tanto o tradutor quanto o leitor. De todo modo, ao autor coube decidir o que fazer com meus comentários e sugestões.

Outro aspecto que levantei em nossa conversa toca no próprio entendimento das idéias de Bakhtin nessa obra. De acordo com minha interpretação, essa obra não deve ser tomada como um manifesto anti-ciência, anti-teoria, anti-abstração, anti-conceito e assim por diante. Bakhtin delimita a competência e a potência da teoria e da abstração mas sem invalidá-las. Seus limites aparecem quando queremos saber da dimensão ética de uma teoria que necessariamente se coloca para o sujeito que pensa. Não é na teoria que isso pode ser respondido mas somente no ato único e responsável daquele que pensa. Considerando-se que uma teoria de nada vale se não for pensada por sujeitos concretos, sem o ato singular e irrepetível de quem a pensa, a teoria se reduz à ordem dos possíveis, configurando assim um conhecimento incompleto.

1. Pela mesma razão, traduzir *pensamento não indiferente* por *pensamento engajado* também não me parece uma boa escolha.

A negação da racionalidade é um elemento forte na cultura contemporânea mas não me parece encontrar fundamento nas idéias bakhtinianas. Em dado momento, Bakhtin adverte sobre o perigo da técnica quando esta se colocar como referência dominante porém, é preciso distinguir a técnica ou, se preferimos, a tecnologia, do pensamento teórico comum à ciência e à filosofia.

Não é fácil ser bakhtiniano hoje. Nessa era da pós-verdade que é a nossa, como tratar e adotar em ato singular e responsável um autor para quem a *verdade* não leva aspas? Para quem a verdade é uma noção tão importante que se declina duplamente - *istina* e *pravda*. De que maneira tomar como objeto a *filosofia moral* de que trata Bakhtin no contexto atual do relativismo generalizado?

De fato, em relação à cultura pós-moderna, o pensamento bakhtiniano constitui-se em potente instrumental crítico. Mas ao exercer essa crítica não estaríamos perdendo o bonde da contemporaneidade? Parece-me que para escapar dessa ameaça, precisamos recorrer ao filósofo italiano Agamben.² Para ele, a contemporaneidade se situa no lugar de uma desconexão e de uma dissociação. Aquele que é verdadeiramente contemporâneo de seu tempo não coincide jamais exatamente com ele. É, pois, a partir dessa disjunção e desse anacronismo que ele é capaz, mais do que outros, de perceber e apreender seu tempo. Vemos aqui uma convergência com o conceito bakhtiniano de *exotopia* já que a não-coincidência e a *dis-cronia* permitem enxergar além das evidências.

Para Agamben, aqueles que coincidem em demasiado com seu tempo e que, em todos os aspectos, a ele aderem perfeitamente, não são contemporâneos. O con-

2. Agamben, G. (2013). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Ed. Argos da Unochapecó.

temporâneo é aquele que não se deixa cegar pelas luzes do século. Trata-se de neutralizar as luzes para nelas descobrir as trevas que são inseparáveis das luzes. Perceber a sombra de seu tempo como algo que lhe concerne e que não cessa de lhe interpelar. Essa é a razão pela qual, conclui Agamben, os contemporâneos são raros porque isso exige coragem.

Como eu dizia no início desta apresentação, Adail Sobral provoca pensamento. Resumidamente, tentei restituir aqui alguns pontos do que a leitura de seu texto provocou em mim. Sem álibis, Adail enfrenta a tarefa que deu a si próprio como necessária e que somente poderia ser empreendida de seu lugar único e irrepetível. Concluo então com Bakhtin:³

No ponto preciso e singular em que me encontro agora, ninguém mais se encontra no tempo singular e no espaço singular do ser singular. (...) O que pode ser feito por mim não poderá jamais ser feito por outro.

Marilia Amorim,
Paris, 23 de outubro de 2018

3. Bakhtin, Mikhaïl (2003). *Pour une philosophie de l'acte*. Lausanne: Editions l'Age d'Homme, p. 68, trecho traduzido por mim.